

Fêmea a mulher: a construção de um sujeito naturalizável

André Morando¹, Rochele de Quadros Loguercio¹ e Aline Ferraz da Silva²

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. ²Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. E-mails: andremorando@yahoo.com.br, rochelel@gmail.com, aline.ferraz@poa.ifrs.edu.br.

Resumo: Nesse estudo, buscamos conhecer como a articulação do discurso pedagógico com discurso do determinismo biológico produz um sujeito do feminino. Para tal se constitui como material empírico uma vídeo-aula produzida por um professor *youtuber*. Este docente está inserido em uma instância de poder que o possibilita multiplicar enunciados que historicamente constituem a mulher como um sujeito refém de sua anatomia. Conduzimos a escrita do texto e a análise do vídeo, a partir da perspectiva de Michel Foucault. Assim, não nos importa se os discursos presentes na vídeo-aula são verdadeiros ou falsos, mas nos interessa as condições que possibilitam o professor dizer sobre o feminino, naquele momento. A partir desse pressuposto, balizados nos estudos foucaultianos, procuramos reconhecer e problematizar os enunciados que naturalizam as demandas sociais no corpo biológico da mulher. Por meio dessas problematizações, evidenciamos como a matriz biológica da mulher é subjetivada e justificada pelas inscrições de gênero instituídas socialmente.

Palavras-chave: gênero, biologia, cultura, discurso.

Title: From female into woman: the construction of a naturalizable subject

Abstract: In this study, we seek to know how the articulation of pedagogical discourse with biological determinism speech produces a female subject. Therefore, we analyze as empirical material a lesson video produced by a youtuber teacher. This teacher is inserted into an instance of power that makes him possible to multiply statements that historically constitute the woman as a fellow hostage of your anatomy. We conduct the writing of text and video analysis, from the perspective of Michel Foucault. Consequently, we do not care if the discourses present in lesson video are true or false, but we are interested the conditions that allow the teacher say about the feminine, at that moment. From that conjecture, beacons by the foucauldian studies, we seek to recognize and discuss the statements that naturalize social demands in the woman biological body. By means of theses problematizations, we evidence as the woman biological matrix is subjectivated and justified by inscriptions of gender those are socially instituted.

Keywords: gender, biology, culture, speech.

Introdução

As mídias sociais provocaram uma revolução no início do século XXI. Já no começo dos anos 2000, termos como *Orkut*, *Facebook*, *LinkedIn* apareciam no vocabulário daqueles e daquelas inseridos no ciberespaço (Recuero, 2009). O *YouTube*, por exemplo, surgiu em 2005, com o propósito de divulgar vídeos entre amigos e atualmente é um dos maiores *sites* de divulgação *streaming da web*. De forma simples e autoexplicativa, o *site* conta com uma plataforma que permite ao usuário buscar e assistir aos vídeos com base em palavras chaves (*tags*) ou fazer *uploads* compartilhando-os com outros usuários e divulgando-os em outras redes sociais, onde poderão ser assistidos sem que haja à necessidade de recondução para o *site* de origem. Esse tipo de ação em que os internautas produzem, divulgam e consomem determinado conteúdo, vem sendo chamada de cultura participativa (Jenkins, 2008), tem ganhado cada vez mais adeptos e se tornado uma potente ferramenta de *marketing* para diversas áreas do entretenimento, da educação, da religião, da política, do humor e de tantas outras. Este fato se deve aos números expressivos de visualizações que um vídeo pode alcançar.

A usuária e o usuário para fazer um *upload* (incluir um vídeo na plataforma) ou se tornar membro da rede, (ser membro é uma condição que o possibilita comentar e avaliar outros vídeos no *YouTube*) precisa criar um canal ou uma conta no *site*. Sendo assim, ao buscar um vídeo por meio das palavras chave, a mídia com mais visualizações e curtidas torna-se a primeira de uma lista, o que lhe confere maior probabilidade de ser vista e manter o seu status, contudo, há que se levar em conta que a popularidade do vídeo *per se* não está necessariamente ancorada à autoridade no assunto.

O processo de ensino e de aprendizagem também está inserido no virtual. Nesse ponto, cabe uma importante ressalva, uma vez que, professores *youtubers* ao ministrarem aulas ou discutirem temas em seus canais, estão inseridos em um sistema informal de ensino. No entanto, o que se observa é a potência de tal sistema na produção de subjetividades, tal como o da escola formal. Entende-se então uma relação equivalente enquanto efeito entre os professores *youtubers* e os usuários que buscam informação no site, da mesma forma que entre os professores e alunos em uma sala de aula.

Assuntos como a sexualidade e a orientação sexual, por exemplo, necessitam de um ambiente favorável tanto para o professor quanto para o aluno. Essa ambientação busca propiciar a desinibição, a liberdade para a fala e o incentivo para abrir o diálogo com os discentes. Nesse sentido, recursos midiáticos, notícias, textos e inúmeros artefatos podem ser trazidos ao âmbito pedagógico para que seja produzido um cenário onde os discentes e professores possam criar enredos sobre o tema (Louro, 2000). Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN do Ministério da Educação do Brasil – MEC (1999; 2002), sugerem que a orientação sexual seja tema transversal à todas as disciplinas. Para as disciplinas de ciências e biologia, os PCNs indicam que a sexualidade seja conteúdo integrante de seus currículos. Nos termos de Guacira Lopes Louro (2000), na escola, a orientação sexual cumpre seu papel social com um diálogo que

problematize questões de credences, tabus e valores a ela associados. Para tal, se recorre a autora, que afirma:

Nada é exclusivamente "natural" nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é — ou não — natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. (Louro, 2000, p. 8).

No entanto, cremos que não é possível tratar dos diálogos sobre sexualidade nos espaços de aprendizagem sem que haja, previamente, uma abordagem sobre as questões de gênero, uma vez que, as normas que regulam a sexualidade atravessam os corpos generificados com diferentes intensidades, como visto por Gayle Rubin (2012, p.40), "sexualidade é um elo entre relações entre os gêneros, muito da opressão das mulheres é suportada por, mediada através de, e constituída dentro, da sexualidade". As regras, as exclusões, as interdições são forças que atuam de forma diferente sobre corpos-homem e corpos-mulher. Partindo dessa perspectiva, se faz urgente, necessário e ético falar sobre as perspectivas do gênero na educação, seja ela caracterizada como formal ou informal. Nesses termos, o espaço virtual de ensino e de aprendizagem configura-se como um espaço que produz subjetividades da mesma forma que a educação formal. Nesse estudo, nos interessa reconhecer e problematizar a materialização e a naturalização do social no corpo biológico presente na fala do professor *YouTuber*, o qual se propõe a explicar o substrato biológico que ancora o "ser mulher" na sociedade reatualizando, práticas discursivas, que se balizam na anatomia e na fisiologia para dizer sobre o destino da mulher, tornando-a refém de seus órgãos.

Na epiderme o gênero

A partir de contribuições de autoras como Louro (2000), Bento (2006), Schiebinger (1998) e Rubin (1975), inferimos que há corpos que são moldados de forma diferente pela cultura, pois o poder atuante nas normas regulatórias do sexo, da sexualidade, da estética tem diferentes intensidades sobre corpos-homem e corpos-mulher, é este último o corpo moldado e objetificado de forma mais severa pelas normas de gênero que habita esse estudo. Ser homem, ser mulher ou todos os nuances do "ser" é estar em meio a um conjunto de normas regulatórias que se distribuem em redes discursivas capazes de normalizar e naturalizar condutas, posicionamentos e comportamentos, produzindo subjetividades. Os sujeitos têm em seus corpos inscrições das instituições que "ensinam" o que é ser homem ou ser mulher na cultura (Louro, 2000). De forma clara a autora evidencia que:

Para que se efetivem essas marcas, um investimento significativo é posto em ação: família, escola, mídia, igreja, lei participam dessa produção. Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, frequentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vezes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas, contraditórias. A produção dos sujeitos é um processo

plural e também permanente. Esse não é, no entanto, um processo do qual os sujeitos participem como meros receptores, atingidos por instâncias externas e manipulados por estratégias alheias. Ao invés disso, os sujeitos estão implicados, e são participantes ativos na construção de suas identidades (Louro, 2000, p. 16).

Para além das pedagogias do gênero, há que se levar em conta, de acordo com Gayle Rubin, o quão político é o sexo. Mais especificamente:

Como em outros aspectos do comportamento humano, as formas institucionais concretas da sexualidade em um determinado tempo e lugar são produto da atividade humana. São imbuídas de conflitos de interesse e manobras políticas, ambas deliberadas e incidentais. Nesse sentido, o sexo é sempre político. Mas há períodos históricos em que a sexualidade é mais nitidamente contestada e mais excessivamente politizada. Nesses períodos o domínio da vida erótica é, de fato, renegociado (Rubin, 2012, p. 2).

Por outro viés, mas mantendo o olhar sobre a política do sexo, Anne Fausto-Sterling (1993) traz em seu livro "The Five Sexes", o exemplo do intersexo Levi Suydan, e a proibição ao voto. A autora evidencia que ele era visto como mulher, embora, ele se anunciasse homem, tal conclusão era devida a percepção do corpo e do comportamento de Suydan, seus ombros estreitos, os seus gostos pela costura e o repúdio por trabalhos ditos masculinos denunciavam a essência feminina. Ele só pode votar graças a um exame médico, no qual supostamente, fora descoberto seu verdadeiro sexo. O médico atestou a presença do pênis no paciente, muito embora, após as eleições, na qual o partido de Suydan ganhou por um voto, foi descoberto que o jovem tinha menstruações regulares (Fausto-Sterling, 1993).

O exemplo, trazido por Fausto-Sterling pode parecer à exceção, mas permite inferir que estabilidade e permanência não são constantes quando tratam do corpo e do gênero (e sexualidade), pois essas duas instâncias do sujeito são efeitos ou produtos das constantes construções e desconstruções da cultura. Se o corpo de Suydan fosse pensado fora da patologia ou da anormalidade, sequer estaria em uma intersecção entre corpo-homem e corpo-mulher, ele estaria em um terceiro, quiçá num quarto ou quinto arquétipo de corpo e gênero. No entanto, o conceito de desordem ou doença nas culturas ocidentais, está ancorado em um substrato biológico, e mantém a ideia que haja apenas dois sexos e conseqüentemente a noção de macho e fêmea transforma a heterossexualidade em uma única orientação sexual normal (Fausto-Sterling, 1993).

A partir do corpo intersexo é possível compreender que o corpo é uma produção discursiva inteiramente cultural. Não há como negar a materialidade do sexo, no entanto, há que se atentar para as contribuições foucaultianas a partir das quais é possível inferir que o corpo-matéria não existe para além do discurso. Dessa forma, em uma análise fora da perspectiva biologizante, não se pretende negar, por exemplo, o pênis ou a vagina como matéria do corpo. Contudo, é no discurso que essas estruturas corporais atraem atenção e são capazes de esquadrihar um corpo a partir de construções polarizadas do gênero que interpelam sujeitos. É na

linguagem que o pênis é atribuído ao macho e a vagina a fêmea. O discurso é capaz de formar um corpo a partir de um phalo, sendo que o contrário – um corpo sem genitais – precisará de outras leituras e signos para que lhe seja atribuído um artigo /o/ ou /a/. Berenice Bento utiliza a experiência transexual para reiterar a construção de um corpo sexuado a partir da performance do gênero:

O corpo-sexuado (o corpo-homem e o corpo-mulher) que dá inteligibilidade aos gêneros encontra na experiência transexual seus próprios limites discursivos, uma vez que aqui o gênero significará o corpo, revertendo um dos pilares de sustentação das normas de gênero. Ao realizar tal inversão, deparamo-nos com uma outra "revelação": a de que o corpo tem sido desde sempre gênero e que, portanto, não existe uma essência interior e anterior aos gêneros (Bento, 2006, p. 21).

É possível reiterar os termos de Butler (2008), ao mencionar o gênero preexistente ao sexo de forma materializada. As figuras abaixo permitem ilustrar como ocorrem as possíveis articulações do sistema sexo-gênero. Na Figura 1, um corpo em branco mostra-se como uma folha, somente com linhas. Para encontrar uma forma de chamar esse corpo, a linguagem anunciaria esse sujeito provisoriamente como a criança, o que impossibilita definir o gênero. Entretanto, a linguagem quase que compulsoriamente, obriga a leitura do corpo através dos signos do gênero, aos quais cada cultura elenca caracteres de masculinidade e feminilidade.

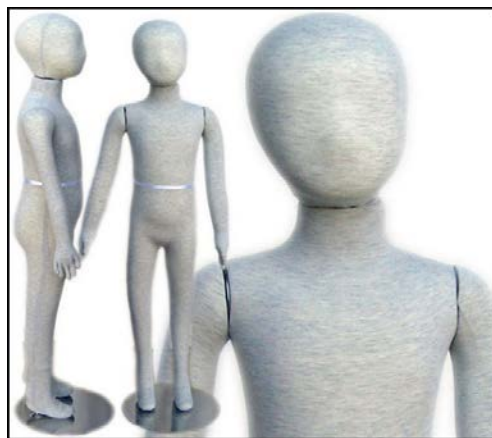


Figura 1.- Manequins. Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/87398048995777512/> Acesso em junho de 2016.

Na Figura 2 é possível inferir que os signos do gênero, tais como a vestimenta e as cores, são capazes de ascender um corpo ao grau de sujeito. Mesmo não havendo um pênis ou uma vagina na figura, o gênero concede um sexo ao corpo. Linda Nicholson (2000), usa o exemplo do cabide de casacos para discorrer sobre criação do corpo sexuado a partir do gênero:

Quando se pensa o corpo como um "cabide" no qual são "jogados" certos aspectos de personalidade e comportamento, pode-se pensar no relacionamento entre os dados do "cabide" e aquilo que nele é jogado como algo mais fraco do que determinista, porém mais forte do

que accidental. Não se é obrigado a jogar sobretudos e cachecóis num porta-casacos; pode-se, por exemplo, jogar suéteres e até diferentes tipos de objetos, basta mudar suficientemente a natureza material do cabide. Mas, se sempre vemos um porta-casacos cheio de sobretudos e cachecóis, não exigimos muita explicação, afinal trata-se de um porta-casacos (Nicholson, 2000, p. 3).



Figura 2.- Manequins com roupas. Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/544161567454398585/> Acesso em junho de 2016.

A estilização do gênero parece ser natural pela repetição, contudo não há nada de natural, mas sim de naturalizado, uma vez que, o próprio conceito de natureza sofre rearranjos na cultura. Para Bento (2006), a heteronormatividade é responsável por orientar esse olhar naturalizador do corpo, do gênero e das subjetividades.

A presença de um pênis ou uma vagina no manequim da Figura 1, já o tornaria menino ou menina no discurso biológico. Não haveria então a necessidade em anunciar o corpo por meio das roupas, das cores, do comprimento do cabelo (caso aparecesse na figura). O corpo da figura – não possui história, está na abjeção, no entanto o fato de lhe pôr um vestido cor-de-rosa possibilita imaginar seus gostos, a cor do seu quarto, o comprimento do cabelo, a personalidade, o timbre de sua voz. Para tais situações, esse corpo não precisou ter sexo, mas obrigatoriamente, para que saísse da abjeção, lhe fora dado um gênero. É nesse sentido que Butler (2008) traz o sexo não como a origem, mas sim como efeito do discurso da sexualidade. Por meio das inferências sobre as figuras 1 e 2 percebemos que no discurso da hegemonia heterossexista não se tem um corpo, se é um corpo. Não basta saber simplesmente que se trata de uma criança, para além dessa vontade de saber, há uma maior: a de identificar em qual polo do gênero aquele corpo se encontra. A heteronormatividade, de acordo com Butler (2008), cria um corpo legível, avesso à abjeção, daí a necessidade de enquadrá-lo em um gênero.

A partir da análise das figuras, é possível inferir que o corpo é uma situação, é um lugar de inscrição, uma trajetória que conta uma história. A leitura do corpo pelo olhar da norma heterossexista cria uma condição retilínea: corpo-sexo-gênero, sendo a condição inversa, tida como

patológica - na cena médica-, tal como a transexualidade. De acordo com Bento (2006), o diagnóstico da transexualidade para a posterior inscrição do/a transexual nos programas de transgenitalização utiliza como uma das ferramentas denominada Teste de Vida Real, na qual o/a candidato/a cirurgia é obrigado/a fazer uso, no cotidiano, dos signos do gênero requerido, tal como roupas, maquiagens, adornos e o desejo direcionado ao gênero oposto. Percebe-se então, a partir deste teste, que o corpo é reinventado na leitura do gênero e tal condição nos leva a entender que o corpo transexual é efeito do discurso que enquadra os sujeitos em dois polos sociais de identificação a partir do dismorfismo sexual. Sendo assim, é possível perceber que o “trânsito do sexo” é operado pelo gênero (Bento, 2006).

Historicamente, a interpretação corpórea depende do gênero por meio dos signos de masculinidade e feminilidade, ou seja, um corpo nunca é somente um corpo, ele traz consigo toda a bagagem do(s) gênero(s). Para Joan Scott (1995), o gênero é uma categoria que relaciona as estratificações sociais com as diferenças entre sexos, na qual, o gênero ou ainda a partir dele, é demarcado os lugares que os sujeitos ocupam e como atuam na sociedade.

Para Gayle Rubin (1975), uma sociedade construída sob um substrato biológico terá a matriz biológica do corpo transformada em produto da atividade humana, e são os ideais do gênero que transformam uma fêmea *Homo sapiens* em uma mulher na sociedade. Rubin (1975) busca entender como essa transformação acontece. Nicholson (2000) percebe o corpo biológico mutável e não exclui o substrato anatômico na produção do gênero. No entanto, faz uma importante ressalva na base biológica pensada no ocidente uma vez que, para a autora há vários corpos que pensam, agem e são marcados pela raça e pela cultura. Dessa forma, Nicholson (2000), rompe com a ideia do essencialismo biológico no qual o corpo é imutável e, de maneira geral, igual para todos.

A heterossexualidade como ferramenta para a naturalização

Ao investigarmos como as ciências biológicas, produzem conhecimento sobre os seres vivos e/ou ecossistemas, entramos em um universo onde há várias explicações por meio da chave; estrutura-função. Nessa linha de pensamento, podemos estabelecer uma problematização sobre a reprodução. Nos mamíferos, por exemplo, a reprodução é sexuada e constantemente nos deparamos como o princípio da teleologia para explicá-la por meio da estrutura do pênis e da estrutura da vagina na função reprodutiva. Nesse sentido, podemos dizer por meio das explicações biológicas, que “naturalmente” o sexo, enquanto ato, está ligado à reprodução. Tal situação do sexo/reprodução é operada no e pelo gênero, que inevitavelmente, estabelece binômios naturalizados, como por exemplo, macho/fêmea, espermatozóide/óvulo e marido/mulher.

Para Rubin (1975), os indivíduos são assujeitados ao gênero nas relações sociais, sob ação do modelo econômico no qual a sociedade está ligada e a família é uma das esferas que sustenta tal modelo. Logo, o gênero é atribuído de forma que garanta o casamento entre homem e mulher. O próprio sistema sexo/gênero estabelece exclusão de características entre

sexos e torna a heterossexualidade como uma norma ou como a sexualidade natural, tornando a reprodução sexuada e a heterossexualidade, sinônimos. A partir de Foucault (2015), podemos inferir que o dispositivo da sexualidade - por meio dos seus discursos e regras, estabelece redes estratégicas de saber e poder, que disciplinam e controlam os corpos e os prazeres - teve condições de existência e de multiplicação graças ao dispositivo de aliança.

O dispositivo de aliança para Foucault (2015), que está ligado ao matrimônio, à transferência de riquezas e de bens, já posicionava os sujeitos por meio do gênero antes do século XVIII, visto que o modelo de sexos separados ou do dismorfismo carnal se deu em meados do século XVIII. Não há como dizer que o dispositivo da sexualidade substituiu o dispositivo de aliança uma vez que, na contemporaneidade, ambos estão presentes e se sustentam na cultura em uma relação codominante. A relação entre esses dois dispositivos é evidenciada nas palavras de Foucault:

Numa palavra, o dispositivo de aliança está ordenado para uma homeostase do corpo social, a qual é sua função manter; daí seu vínculo privilegiado com o direito; daí, também, o fato de o momento decisivo, para ele, ser a “reprodução”. O dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global (Foucault, 2015, p. 116).

A família, a partir do século XVIII, se tornou o lugar legítimo da sexualidade, mais especificamente no quarto dos pais, e é na família que acontece a permuta da sexualidade com a aliança ou como dirá Foucault: “transporta a lei e a dimensão do jurídico para o dispositivo da sexualidade; e a economia do prazer e a intensidade das sensações para o regime de aliança” (Foucault, 2015, p. 118). Essa permuta ainda é vista na contemporaneidade, por exemplo, nos debates sobre o casamento igualitário entre pessoas do mesmo sexo. No Brasil, os movimentos contrários ao casamento não heterossexual se apoiam na defesa da família (homem e mulher e filhos) ou da sua manutenção. No entanto, um dos discursos que está inter-dito (entre os ditos), e talvez o mais pulsante, é a manutenção de uma sexualidade compulsória e “normal”: a heterossexualidade.

Nesse artigo relacionamos a sexualidade aos desejos, aos prazeres, enfim às sensações. Tais desejos e prazeres são experimentados sobre uma matriz orgânica: o corpo. Denominamos essa experiência da carne como sexo. Sendo assim, o sexo é experiência, logo não está necessariamente ligado ao objeto do prazer ou do desejo, mas sim aos seus efeitos ou em outros termos, podemos dizer que o sexo é abstrato. A sexualidade, e por consequência a orientação sexual, é uma criação da cultura, portanto temporal e não universal. As trábades, por exemplo, mulheres ditas masculinizadas e ativas da Grécia Antiga se agrupariam, na contemporaneidade, entre as lésbicas, muito embora na antiguidade elas desafiassem o poder e a política do gênero, na contemporaneidade desafiariam a heterossexualidade. Podemos dizer que a sexualidade está

ligada a um conjunto de normas regulatórias que estabelecem redes discursivas capazes de normalizar e naturalizar condutas, posicionamentos e comportamentos produzindo subjetividades. De outra forma, as práticas discursivas produzem efeitos na biologia.

A heterossexualidade enquanto palavra é posterior a homossexualidade, tal fato se deve ao húngaro Karl Kertbeny que em 1869, coloca em pauta no cenário político da Alemanha um olhar “benigno” sobre o desejo sexual entre pessoas do mesmo sexo. Até esse momento, a homossexualidade era tratada como prática da sodomia e como crime. Desta forma, da criação homossexualidade se produziu a heterossexualidade. É importante frisar que, a partir da construção do neologismo homossexual, criou-se uma nova categoria de sujeitos (avessa à da anormalidade a qual englobava os loucos, as prostitutas, os ladrões e tantos outros) operada em uma identidade posteriormente, denominada gay (Weeks, 2000).

De acordo com Weeks (2000), a ideia inicial de Kertbeny era normalizar a homossexualidade tratando-a como uma sexualidade variante, no entanto, a homossexualidade foi capturada e dissecada no domínio médico-moral. A heterossexualidade foi teorizada, durante o século XX, como a sexualidade normal e a homossexualidade - o seu inverso. Nesse sentido, não havia interesse em explicar a heterossexualidade, pois como Weeks (2000, p. 42) afirma: “Uma norma talvez não necessite de uma definição explícita; ela se torna o quadro de referência que é tomado como dado para o modo como pensamos; ela é parte do ar que respiramos”.

A partir das contribuições de Weeks (2000), a respeito da norma e do quão desnecessário se faz a sua definição torna-se claro os motivos pelos quais as pesquisas que tratam a sexualidade como biologicamente determinada, buscam a origem ou as causas da homossexualidade. Não se divulgam pesquisas sobre o gene da heterossexualidade, no entanto, a “descoberta” do suposto gene gay foi amplamente divulgado na década de 1990, (Bailey, Dunne e Martin, 2000; Bailey e Pillard, 1991; Bailey *et al*, 1999; Bailey, Pillard, Neale e Agyei, 1993), e ainda está na ordem do discurso biológico. Outra importante questão sobre a produção do sujeito homossexual pelas pesquisas biomédicas está em definir como se estabelece o grupo amostral da pesquisa. Para tal estudo é preciso indivíduos que se auto-identifiquem gays, no entanto, aquele homem que se auto-identifica heterossexual, mas que esporadicamente, tem desejos sexuais por pessoas do mesmo sexo, o que o leva a se relacionar com estas, fará parte de qual grupo na pesquisa? Amostra ou controle? Como escrever o ilusório no real?

Ao narrar outras sexualidades e identidades para além da heterossexualidade, percebemos que a partir do século XVIII a heterossexualidade, advinda do modelo de sexos separados, se mantém na contemporaneidade pelo binômio homem/mulher (nessa ordem) que produz um eixo graduado capaz de mensurar corpos, identidades e práticas sexuais em um ideal de normalidade. De forma menos abstrata e inspirada pela ideia de centro de Linda Hutcheon (1991), podemos pensar a sociedade como uma esfera, a qual tem seu interior preenchido por uma massa com densidade variável a qual chamaremos de cultura e ao centro dessa esfera daremos o nome de normalidade. No espaço da normalidade teremos o

corpo-homem e o corpo-mulher na configuração cis (homem-pênis e mulher-vagina), pois uma das instâncias que os mantém nesse espaço é a heterossexualidade. Sendo assim, todos os pontos, variações setoriais ou nuances que escapem ou deslizem do centro, serão por meio das práticas discursivas, que atuam como forças de repulsão colocadas cada vez mais, às margens da esfera e isso se dará de forma mais rápida ou não dependendo da densidade da cultura. Nesse sentido, nas sociedades ocidentais, por exemplo, onde a cultura ainda não oferece resistência para que indivíduos sejam afastados do centro, um casal gay cis, está muito mais próximo do centro que um casal de mulheres trans.

Nesse momento, nos questionamos: como pensar para além desse modelo? Ou como desacomodar tais estruturas? Inspirados em Foucault (2009), partimos do pressuposto que o saber é feito para cortar e a educação é um meio capaz de produzir pelo menos dois efeitos nessa esfera: romper com ideia de centro ou tornar a margem um lugar de poder.

Sobre a escolha do material e sua análise

Para a nossa análise do discurso, tomamos como referência o arcabouço teórico de Michel Foucault. Tomar o discurso numa perspectiva foucaultiana é tê-lo como um conjunto de acontecimentos, que apesar de temporais não estão necessariamente ligados à noção de presente ou passado, mas sim de atualidade e de singularidade. É questionar, por exemplo, por que um enunciado vem à tona em um determinado momento, num certo lugar, e não outros.

De acordo com Rosa Fischer (2001), quando nos propomos a analisar um discurso pelo referencial foucaultiano não há que se olhar às entrelinhas, ou procurar o discurso que está por trás, mas sim de manter a análise no nível da existência, das palavras ditas. Mais especificamente:

Para analisar os discursos, segundo a perspectiva de Foucault, precisamos antes de tudo recusar as explicações unívocas, as fáceis interpretações e igualmente a busca insistente do sentido último ou do sentido oculto das coisas, práticas bastante comuns quando se fala em fazer o estudo de um discurso. Para Michel Foucault, é preciso ficar (ou tentar ficar) simplesmente no nível de existência das palavras, das coisas ditas. Isso significa que é preciso trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando-o aparecer na complexidade que lhe é peculiar (Fischer, 2001, p.198).

A partir de Foucault, nos damos conta que os discursos de diversos campos discursivos podem se unir para produzir um objeto. O discurso que propõe a biologia como origem transita por vários campos discursivos como a medicina, a patologia, a psiquiatria, a psicologia entre tantos outros. Nesse estudo, procedemos com um recorte que direciona o olhar para o campo discursivo pedagógico. Para tanto, definimos como objetivo a análise das enunciações presentes na fala do docente de biologia no que tangencia a construção do sujeito mulher. Para além da análise dos enunciados e inspirados em Gayle Rubin, também temos interesse em explorar as formações discursivas do material analisado no que diz respeito aos acordos entre natureza-cultura que permitem uma fêmea *Homo sapiens* se tornar uma mulher na sociedade.

Para tal propósito, se constituí objeto empírico de estudo um vídeo disponível no site <http://www.youtube.com>, produzido por um professor e biólogo. Consideramos o *YouTube* como um artefato das pedagogias culturais e um espaço democrático na cibercultura, para ensinar e aprender. Para a escolha do vídeo levamos em conta alguns itens como: O que está sendo dito; a legitimidade de quem fala; a sua visibilidade e número de visualizações e por fim para quem se fala. Nesse sentido a pesquisa por vídeos no Youtube nos levou ao vídeo do professor Paulo Jubilut detentor do canal "Biologia Total com Prof. Jubilut" desde o ano de 2006. A página ou canal é descrito como:

Página organizada pelo Prof. Paulo Jubilut destinada a divulgação desta magnífica ciência chamada biologia para vestibulandos, ENEM, universitários, biólogos, professores e demais amantes da biologia. Nosso site possui um acervo completo de vídeo-aulas dinâmicas e objetivas para facilitar a sua vida. Estude com a gente!

Até o primeiro semestre do ano de 2016, o canal contava com 581.552 inscritos e possuía 36.086.341 visualizações, já no segundo semestre do ano de 2017 o número chega a 1.181.054 de inscritos e 73.454.781 visualizações. Esses números colocam o canal Biologia Total e o professor Jubilut como recordistas em inscritos e visualizações, no que se refere a conteúdo específico de biologia. O canal produz vídeos relacionados ao ensino de biologia, com acesso público e também propõe cursos de acesso restrito, voltados principalmente para vestibulandos. O vídeo escolhido foi publicado em abril de 2013, tem duração de 12 minutos e 09 segundos. No entanto, como exposto na nota de número 6, a referida vídeo-aula foi retirada da plataforma do *YouTube*. Até a sua retirada, o vídeo possuía mais de 200 mil visualizações e trazia como título: Evolução Sexual Feminina. O título também foi um dos motivadores para a escolha, pois possibilitava uma pré-interpretação da evolução humana dependente de uma variável: o sexo.

Não houve nesse estudo interesse em nos posicionarmos de forma a atacar ou confrontar o autor, nem mesmo em relação à perspectiva que ele adota para falar do gênero. Nosso objetivo, inspirados em Foucault, encontra-se em evidenciar o que está sendo dito, o lugar de fala, e o que o autoriza a falar sobre a mulher por um viés cientificista. Dessa forma, selecionamos trechos das falas do professor que funcionam como verdades e são colocadas em funcionamento a partir de um viés científico. Esses trechos estão recuados da margem e em itálico. Optamos pelo itálico para diferenciá-los de citações literais de autores presentes no texto.

Dos enunciados e das formações discursivas: os engendramentos entre natureza-cultura na produção do sujeito mulher

Como citado anteriormente, o título do vídeo nos chamou a atenção antes mesmo de assisti-lo, pois falar em evolução sexual feminina é uma forma de (re)atualizar e de (re)inventar enunciados eternos que tomaram corpo na história e que aparecem sucessivamente, de acordo com Laqueur (2001) desde a Grécia antiga até a século XX. Nos métodos para se produzir o feminino, no material analisado, está engendrada a noção de natureza ativa e corpo passivo, articulando a vagina, os hormônios, o útero,

a maternidade com as categorias históricas e políticas do gênero presentes nas sociedades ocidentais. O essencialismo biológico do sexo está impregnado na sociedade ocidental a qual confunde estabilidade com permanência ao tratar do sexo-gênero-sexualidade. Gayle Rubin expõe que:

O essencialismo sexual é incorporado no saber popular das sociedades ocidentais, as quais consideram o sexo como eternamente imutável, a-social e transhistórico. Dominado por mais de um século pela medicina, psiquiatria e psicologia, o estudo acadêmico do sexo tem reproduzido o essencialismo. Estes campos classificam o sexo como propriedade dos indivíduos. Talvez seja inerente aos hormônios ou a psique. Talvez seja construído como fisiológico ou psicológico. Mas dentre essas categorias etnocientíficas, a sexualidade não tem história e tampouco tem determinantes sociais significativos (Rubin, 2012, p. 12).

No referencial foucaultiano, procedemos à análise do discurso pelo princípio da raridade dos enunciados e das formações discursivas, visto que, por meio da rarefação é possível evidenciar como enunciados singulares se relacionam em formações discursivas diferentes. Nessas condições, é possível ver como esses discursos aparecem em diferentes momentos históricos, bem como as modificações e repetições. Posto isso, com base em Foucault, tomamos o discurso como prática capaz de marcar, interpelar e posicionar sujeitos e subjetividades.

Analisar os momentos históricos no tempo e no espaço (não de maneira linear, mas sim como um “tempo dobrado”) nos permitiu evidenciar como enunciados eternos sobre a produção do corpo-oposto, portanto, o da mulher é (re)inventado-o e (re)atualizado-o. Londa Schiebinger (1986; 1998), já fazia menção do quanto e de que modo as estruturas do corpo feminino, como as mamas e o esqueleto, eram acessados para cientificizar práticas sociais. Laqueur (2001) nos permite analisar novamente como esses mesmos discursos buscavam no corpo orgânico (calor, útero, ovários e clitóris) as justificativas que sustentassem as demandas sociais sobre a posição da mulher na sociedade.

Os hormônios, desde o século XX, dão condição de existência, para que esses enunciados apareçam novamente e o título do professor de biologia o torna autorizado a falar do sexo, possibilitando assim a multiplicação dos enunciados.

Agora eu te pergunto: Quais são as partes do corpo da mulher que tem os poros mais abertos e emitem mais feromônios? [...] Óbvio que são os seios e a bunda! [...] E é por isso que os machos são loucos por essas partes do corpo.

Luci após ser fecundada, após a cópula, ela tinha seu óvulo fecundado e dois dias depois ela passava a ser regida por um hormônio, chamada HCG [...] Isso despertava o instinto maternal da Luci.

O feromônio atraía os machos [...] Esses machos vinham por trás e copulavam com Luci

A ideia dos feromônios, seios e nádegas femininas como atrativos para os machos, recorre à naturalização da heterossexualidade como fator inato e não um construto social. O sexo ao longo da história está vinculado à natureza como condição para a reprodução sexuada e a vinculação da mulher com a maternidade. A condição subserviente da mulher se dava, segundo o professor, pelas consecutivas gestações e amamentações, fato esse, que mantinha a mulher refém de seus hormônios. Tal como a progesterona e a prolactina, a submissão da mulher ao homem é naturalizada e reforçada pelo modelo da mulher passiva e coletora, e do homem caçador e ativo.

Quando a mulher está num processo de amamentação e gravidez ela é regida por dois hormônios: a progesterona e a prolactina. A progesterona e a prolactina são hormônios que deixam a mulher toda bunda mole.

A mulher fica submissa quando está sob a ação desses hormônios. Basta você fazer uma força, não precisa ir lá muito atrás, há seis mil anos atrás não! Basta você fazer uma força pra ver que a tua avó, por exemplo, teve quinze filhos. Tua avó então não ficava questionando o teu avô.

O que se torna notório, é que o dispositivo da sexualidade, continua autorizando atores sociais a falar do sexo apoiando-se em formações discursivas distintas. O sexo-oposto foi criado por práticas discursivas de um regime médico e jurídico em um modelo heteronormativo e dando evidências a heterossexualidade como prática sexual sadia e disciplinada, portanto a aceita. As ciências biológicas contribuíram com a fundação do oposto, pois, possuem os meios e as técnicas, para que as demandas sociais sejam explicadas e efetivadas, com isso criou-se um corpo, um sexo e uma sexualidade normal. No discurso do vídeo analisado os termos; fêmea e mulher, são usados como sinônimos, nos permitindo olhar novamente o mesmo discurso de Lineau ao cunhar o termo mamífero no século XVIII (Schiebinger, 1998). Por meio da análise das enunciações é cristalino um dos domínios do dispositivo da sexualidade - (Foucault, 2015) - a histerização do corpo da mulher produzia um corpo impregnado de sexualidade que se comunicava com o corpo social. A família produzia a mãe, com todo o ideal de maternidade ou a mulher histérica, aquela que não está no domínio biológico-moral, rompendo com a noção de maternidade como destino.

Olha o poder dessa mulher, ela expunha a genitália e a savana era atraída...

Naquela época os *Australopithecus afarensis* tinham a genitália sem pelo nenhum... e aí sabe o que a Luci fazia? (Luci) chegava e se botava atrás de uma moita e ficava de quatro nessa moita, expondo o marisco [sic], expondo a sua genitália

Ao tratar da fêmea fecundada que “cumpre” com seu destino biológico, ele afirma:

Ela se afastava dos machos e esperava o momento do parto para cuidar dos seus filhotes, ou do seu filhote, junto com as outras fêmeas *Australopithecus*. O macho não participava desse processo pedagógico.

A noção de família na fala do docente é uma noção desse tempo, talvez dentro do modelo judaico-cristão, pois há um silenciamento sobre outras organizações familiares, mesmo tratando dos arranjos familiares em animais não humanos, tal como os chimpanzés - primatas tidos como os mais próximos ao *Homo sapiens* moderno - o professor acessa esse modelo familiar, haja vista que, nesses hominídeos a organização familiar pode se dar por um macho e muitas fêmeas, em pares ou machos e fêmeas múltiplos e o comportamento e a prática sexual não está necessariamente ligado à reprodução. Para Foucault (2015), não há como pensar o discurso dividido em aceito ou excluído, mas sim, em uma série de estratégias de poder que variam de acordo com quem e de onde fala do seu status em lugares-poder, e da intencionalidade do discurso.

Rola um estímulo cognitivo no macho. Ele passa a reconhecer à fêmea.

É que essa posição, papai e mamãe, father and mother é responsável pelo surgimento das famílias nos seres humanos...

A mudança do canal vaginal ao longo da evolução da mulher é que fez com que a família surgisse.

O que se pode notar é novamente, o dispositivo da sexualidade e da aliança operando ao controlar e restringir o discurso, no qual o sexo autorizado ainda está na família, mais especificamente, no quarto do casal (homem e mulher). Ligar o sexo, o desejo e a reprodução sexuada de forma linear e fixa, reatualiza e reinventa os enunciados sobre sexualidade normal ou desviante. A historicidade do gênero é acessada como efeito do corpo orgânico inclusive, quando a fala do professor deixa o estrato histórico, povoado pelos ancestrais do *Homo sapiens* e chega à contemporaneidade. As mulheres historicamente passam a ter menos filhos por inúmeros motivos. Esse "freio" é um dos domínios do dispositivo da sexualidade. Para Foucault (2015), a diminuição ou o estímulo da procriação são estratégias do que ele chama de "socialização das condutas de procriação" a qual define como:

Socialização econômica por intermédio de todas as incitações, ou freios, à fecundidade dos casais, através de medidas "sociais" ou fiscais; socialização política mediante a responsabilização dos casais relativamente a todo o corpo social (que é preciso limitar ou, ao contrário, reforçar), socialização médica, pelo valor patogênico atribuído às práticas de controle de nascimentos, com relação ao indivíduo ou à espécie (Foucault, 2015, p. 114).

A relação da liberdade sexual feminina e sua relação com o estrogênio é perfeitamente identificável na fala do professor. No entanto, novamente o discurso social é inscrito no corpo biológico, o substrato orgânico é naturalizado e transforma-se em artefato humano. Toda a luta histórica das mulheres por espaços de poder, por espaços de fala, pela representatividade, enfim todas as resistências às normas são tratadas como efeito de uma molécula: o estrogênio.

As mulheres buscam mais parceiros e mais: as mulheres começam a se questionar. Começam a ser reativas... [...] Começam a se revoltar com aquele estilo de vida. [...] Quem tá fazendo isso é um

hormônio chamado estrogênio, que não tinha chances de se manifestar por que essa mulher ficava grávida o tempo todo.

Quando uma mulher passa a não ter filhos ou tem menos filhos, tem um hormônio que começa a bombar nessa mulher, que é o estrogênio. [...] O estrogênio deixa as mulheres mais independentes

Considerações finais

As teorizações que buscam explicar de maneira totalizante o sexo e o gênero, mantendo o foco na anatomia e origem das diferenças sociais, não dão conta de entender os indivíduos de maneira única e vertical. Talvez, um grande desacerto de tais explicações, esteja em iniciar os questionamentos pelo “por que” ao invés de usar o “como”. Por que as mulheres estão sinonimadas à maternidade? Poderia ser substituído por: como os discursos sobre a maternidade apareceram na história e se tornaram estratégias de subjetivação do feminino? Ou ainda: quem ou quais instituições anunciam os discursos sobre o feminino e a maternidade? Há que se escapar da busca pela origem e lançar um olhar sobre as condições pelas quais os eventos acontecem.

Nesse sentido, como universalizar o gênero? Como padronizar o feminino? O que se mostra mais evidente nas análises do discurso biológico, ao tratar do feminino é o fato de tratá-lo sem que a construção histórica do masculino seja desacomodada, mantendo-o imóvel e imutável desde sempre. O ruído está em falar do feminino a partir do masculino, e, é ainda mais problemático quando a intenção busca a totalização, ou seja, produzir um único feminino a partir de um único modelo de masculinidade. Talvez a metáfora de Donna Haraway (1995), se ajuste e dê conta de explicar como se produz a diferença: se colocarmos água em um copo de vidro translúcido e dentro dele uma colher perceberemos que, à medida que, nos movimentamos em torno do copo, diferentes imagens são produzidas da colher. O que se percebe, a partir do discurso biologizante do gênero, é que a difração “reflete” a realidade, no entanto, o que se produz são efeitos no objeto a partir da perspectiva do observador. Sendo assim, há que se questionar quem narra a diferença? Ou como nesse estudo: quem narra o feminino na biologia? De acordo com Louro (1997), os sujeitos e identidades são multifacetados e não há como tomá-los por um único ângulo. São necessários múltiplos olhares que permitem perceber que:

Se aceitamos que os sujeitos se constituem em múltiplas identidades, ou se afirmamos que as identidades são sempre parciais, não-unitárias, teremos dificuldade de apontar uma identidade explicativa universal. Diferentes situações mobilizam os sujeitos e os grupos de distintos modos, provocam alianças e conflitos que nem sempre são passíveis de ser compreendidos a partir de um único móvel central, como o antagonismo de classe (Louro, 1997, p. 51).

O vídeo analisado demonstra como as práticas discursivas são reatualizadas na fala do professor e nota-se em um primeiro momento, a potência de tais práticas. O professor é sujeito desse discurso e o seu lugar de fala promove dispersões discursivas, que interpelam outros sujeitos, associa novos campos do saber que operam na manutenção do corpo, da sexualidade e das relações de gênero fixas, transhistóricas e aculturais. Não

atentando para o fato de que todas essas normalizações estão imersas em estratégias econômicas e sociais. Na contemporaneidade, se faz necessário romper com a noção de estabilidade e permanência no que tange as identidades, sujeitos e sexualidade. Apoiados em Hall (2006), entendemos que é na cultura, em última instância, que nos tornamos humanos, ou seja, somos interpelados culturalmente e não exclusivamente, por um aparato biológico. Ainda em Hall (2006), o sujeito remonta identidades durante a vida em diferentes momentos, vivencia diferentes experiências, como desejos que moldam e produzem uma identidade cambiante. Nesse sentido pensar em um “eu verdadeiro” ou imutável é fantasioso.

O sexo e o gênero atuam como instâncias interpelativas dos sujeitos nas sociedades ocidentais. A diferença entre corpos, gêneros e sexualidade é feita por uma série de significantes que produzem sujeitos pela exclusão. Nesses termos, é na linguagem que a diferença é capaz de produzir sujeitos e não no corpo biológico (Butler, 2008) Não entendemos o sexo e o gênero como linhas paralelas, por mais próximas que pareçam estar. Não houve intenção nesse estudo, de localizar pontos de intercruzamentos, como se em um determinado ponto o gênero encontrasse o sexo para formar um corpo com identidade (sexual e de gênero). Talvez, uma forma menos abstrata para representar o sexo e o gênero no corpo, seja fazer uma projeção na fita de Moebius, onde não há começo, nem fim, não há o lado de cima ou debaixo, o dentro e o fora. A diferença depende dos olhos do observador, e nesse sentido, se está em um sexo, em um gênero, em vários ou quiçá em nenhum.

A partir dos olhos e da avaliação do observador, ou seja, do outro, é que somos posicionados, culturalmente no centro ou nas margens da sociedade. Aqui nos cabe indagar quem e quais instituições ocupam lugares de poder capazes de operar os deslocamentos dos espaços que determinados sujeitos devem ocupar. Para Louro (2006), o centro é um lugar historicamente ocupado pelo homem branco, heterossexual e de classe média, são inúmeros os discursos como o do gênero, da etnia, da classe social que fazem do centro um lugar sedutor e privilegiado de fala. Nesse estudo, olhamos para os discursos da sexualidade e do gênero como mantenedores do centro e como o centro se torna um elemento capaz e produzir subjetividades a partir dele. Segundo Louro (2006), a problematização e a desconstrução do centro vem sendo um dos lemas da contemporaneidade não só contestando a centralidade, mas as noções de universalidade. Louro (2006, p. 2), traz uma citação de Hutcheon que consideramos inspiradora para finalizar esse artigo “Se o centro não vai continuar, viva as margens!”

Referências bibliográficas

Bailey, J. M., Dunne, M. P. e Martin, N. G. (2000). Genetic and environmental influences on sexual orientation and its correlates in an Australian twin sample. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(3), 524-536. Recuperado de https://www.researchgate.net/profile/J_Bailey2/publication/12572213_Genetics_and_Environmental_Influences_on_Sexual_Orientation_and_Its_Correlates_in_an_Australian_Twin_Sample/links/0dee_c518bc0435c0cd000000.pdf

Bailey, J. M. e Pillard, R. C. (1991). A genetic study of male sexual orientation. *Archives of General Psychiatry*, 48(12), 1089-1096. Recuperado de https://www.researchgate.net/profile/J_Bailey2/publication/21311211_A_genetic_study_of_male_sexual_orientation/links/02e7e53c1a72a8a596000000.pdf

Bailey, J. M., Pillard, R. C., Dawood K., Miller, M. B., Farrer, L. A., Trivedi, S. e Murphy R. L. (1999). A family history study of male sexual orientation using three independent samples. *Behavior Genetics*, 29(2), 79-86. Recuperado de <https://link.springer.com/content/pdf/10.1023%2FA%3A1021652204405.pdf>

Bailey, J. M., Pillard, R. C., Neale, M. C. e Agyei, Y. (1993). Heritable factors influence sexual orientation in women. *Archives of General Psychiatry*, 50(3), 217-223. Recuperado de <http://faculty.bennington.edu/~sherman/sex/female-twin-lesbian.pdf>

Bento, B. (2006). *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond.

Butler, J. (2008). *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Fausto-Sterling, A. (1993). The Five Sexes: Why male and female are not enough. *The Sciences*, 33, 20–24. Recuperado de <http://sites.uci.edu/zanepilos120/files/2016/03/5sex-email.pdf>

Fischer, R. M. B. (2001). Foucault e a Análise do Discurso em Educação. *Cadernos de Pesquisa*, 114, 197-223. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>

Foucault, M. (1987). *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.

Foucault, M. (2009). *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Foucault, M. (2015). *A história da Sexualidade I: A vontade de saber*. São Paulo: Paz e Terra.

Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5, 7-41.

Hutcheon, L. (1991). *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago.

Jenkins, H. (2008). *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph.

Laqueur, T. W. (2001). *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Louro, G. L. (2006). Feminilidades na pós-modernidade. *Labrys: Estudos feministas*. Recuperado de <http://www.labrys.net.br/labrys10/riogrande/guacira.htm>

Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação*. Uma abordagem pós estruturalista. Petrópolis: Vozes.

Louro, G. L. (2000). Pedagogias da sexualidade. Em G. L. Louro (Ed.), *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (pp. 7-34). Belo Horizonte: Autêntica.

MEC (1999). *Parâmetros Curriculares Nacionais/ Ensino Fundamental: Orientação sexual*. Brasília: MEC/SEF.

MEC (2002). *Parâmetros Curriculares Educacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEMT.

Nicholson, L. (2000). Interpretando o gênero. *Estudos feministas*, 8(2), 9-41.

Recuero, R. (2009) *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina.

Rubin, G. (2012). Pensando o sexo: notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade. *Cadernos PAGU*, 21, 1-88.

Rubin, G. (1975). *O tráfico de mulheres: notas sobre a economia política dos sexos*. Recife: SOS CORPO – Gênero e Cidadania.

Salih, S. (2013). *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica.

Schiebinger, L. (1998). Mamíferos, primatologia e sexologia. Em R. Porter e M. Teich (Eds.), *Conhecimento sexual, ciência sexual: a história das atitudes em relação à sexualidade* (pp. 219-246). São Paulo: UNESP.

Schiebinger, L. (1986). Skeletons in the Closet: The first illustrations of the Female Skeleton in Eighteenth Century Anatomy. *Representations*, 14, 42-82.

Scott, J. W. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 20(2), 71-99.

Weeks, J. (2000). O corpo e a sexualidade. Em G. L. Louro (Ed.), *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (pp. 37-82). Belo Horizonte: Autêntica.